

# RESENHA



NICODEMO, Thiago Lima. *Urdidura do Vivido: Visão do Paraíso e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 50*. São Paulo: Edusp, 2008, 248 p.

Leandro Antonio de Almeida\*

Quando se menciona o nome de Sérgio Buarque de Holanda, na grande maioria das vezes vem à mente do leitor ou interlocutor o livro *Raízes do Brasil*. Considerada um marco importante para a história e as ciências sociais brasileiras por sua força explicativa de muitos problemas brasileiros, a reverência que se criou em seu torno por vezes ofusca a trajetória e o desenvolvimento posterior da obra de Sérgio. Esquece-se que, com o passar dos anos, muitas opiniões e pensamentos deixaram de satisfazer o próprio autor, tendo em vista sua especialização acadêmica no campo da história.

Por sair da órbita dos trabalhos que gravitam em torno de *Raízes* e focar *Visão do Paraíso*, o recente livro de Thiago Lima Nicodemo é leitura obrigatória para aqueles que desejam compreender a trajetória e a prática historiadora do renomado intelectual brasileiro. *Urdidura do Vivido* foi apresentado inicialmente no meio acadêmico, sendo o título da dissertação de mestrado em História Social de Thiago, defendida em janeiro de 2006 na USP. Adaptado para livro, foi lançado pela Edusp em comemoração em 2008 dos 50 anos de *Visão do Paraíso*, obra antes apresentada como tese do concurso para a cátedra de História da Civilização Brasileira na faculdade de História da USP.

Inspirando-se na semântica do tempo histórico de Koselleck, ao qual há referências explícitas nos títulos dos capítulos, Thiago articula sua percepção do papel da historiografia para o historiador brasileiro. Koselleck coloca que o sentido dado ao passado é construído tendo em vista um projeto de futuro que também orienta as inquietações e intervenções do presente, permeando não apenas as posições políticas mas também a prática historiográfica e a utilização dos conceitos, os quais também mudam historicamente. No seu estudo, o desafio enfrentado por Thiago foi mostrar minuciosamente como isso ocorre em *Visão do Paraíso*.

Por centrar-se na gênese dos debates historiográficos, acadêmicos e políticos em torno da tese de Sérgio Buarque, o livro, como nos diz Laura de Mello e Souza no prefácio, “trata-se de um estudo de história, de teoria da história, de historiografia e de sociologia da cultura”. Thiago transita por esses diversos campos porque “mais do que um autor ou livro”, seu objeto de estudo é “uma estrutura histórica e seus reflexos no pensamento historiográfico” (p. 44): a sensação de mal-estar gerada pela

---

\*Professor assistente de Teoria e Metodologia do Ensino da História (UFRB). E-mail: leandroalmeida@hotmail.com.

modernidade que, pelo desenvolvimento das forças produtivas, tem o afã de eliminar a parte agonizante do seu próprio passado que permanece no presente.

O fio tomado por Thiago para introduzir a questão é interessante: ele nota como um aforismo de Goethe, “A história é um modo de livrar-se do passado”, foi sendo apropriado pela historiografia europeia nos anos 30. O aforismo coloca não só a problemática da manutenção um passado indesejado, mas do papel da história no processo de se livrar dele: a libertação das coisas vividas e experimentadas atravancadas de modo sufocante seria operada pela escrita da história “em um lugar construído entre as ruínas do passado e a reconstrução do futuro – o presente” (p. 28). A proposta de Goethe coloca a subjetividade do historiador em primeiro plano, na contramão da moldagem sofrida pela disciplina histórica no século XIX. Por isso, foi retomada por diversos historiadores do início do XX, como Meinecke, Croce, Marc Bloch e Walter Benjamin, num contexto de ascensão de regimes totalitários em que a idéia de uma história neutra parecia não apenas inadequada mas perigosa, tendo em vista os usos ideológicos por ela sofridos. Assim, “o que une a reflexão de Goethe aos intelectuais de vanguarda do século XX é que todos compartilham a experiência paradoxal de serem simultaneamente protagonistas da modernidade (como intelectuais e escritores de vanguarda) e seus críticos contundentes, pois foram capazes de prever em diferentes graus suas conseqüências destrutivas” (p. 36).

Partindo dessa problemática, ao longo de *Urdidura do vivido* Thiago Nicodemo nos mostra como o historiador paulista participa ativamente desse ambiente mental sob a perspectiva dos problemas nacionais. É notório em Sérgio Buarque o sentimento de mal-estar com as raízes ibéricas que se mantém – e atravancam – a modernização do país, questão já presente em *Raízes do Brasil*. Ao se debruçar sobre *Visão do Paraíso*, Thiago nota que sua preocupação central se mantém, mas o campo de batalha se amplia e as armas se refinam com a especialização pela qual passou Sérgio Buarque nos anos 40 e 50 do século XX. A questão da permanência de elementos portugueses continua sendo utilizada como crítica de um nacionalismo ufanista, mas agora é retrabalhada no âmbito acadêmico. No livro de 1958, Sérgio Buarque dialoga com as correntes de renovação da disciplina histórica e mobiliza suas ferramentas de modo original para pensar não apenas a história do Brasil, mas também os procedimentos habituais do fazer histórico brasileiro, politizando tanto um quanto outro.

Elegendo como foco as diferentes formas como Sérgio trabalha as permanências ibéricas no Brasil, as urdiduras do livro de Thiago se destinam a mostrar, nos seus três capítulos centrais, a gênese e as facetas dos debates historiográficos, acadêmicos e políticos em torno da história produzida por Sérgio Buarque em meados do XX.

Não é casual que Thiago Nicodemo tenha escolhido iniciar o corpo do livro tratando dos instrumentos metodológicos da renovação história de Sérgio no capítulo “O historiador encontra o crítico”, onde aborda a questão do papel da crítica literária de Sérgio na sua obra historiográfica. Ressaltando tanto o trabalho de crítico literário nas páginas dos jornais, que o colocou em contato com o formalismo do “New Criticism”, quanto a leitura de Curtius e sua apropriação da sua tópica, Thiago aponta como em *Visão do Paraíso* esse duplo viés foi modificado no sentido da prática histórica. Sérgio Buarque procurava entender a mentalidade do homem português no início da modernidade através dos motivos edênicos presentes na literatura sobre o Novo Mundo, buscando a gênese do “mito edênico” presente (até hoje) nos discursos sobre o Brasil. Ao lançar mão das imagens (*topoi*) cristalizadas pela literatura como fonte de conhecimento do passado e da crítica literária como ferramenta, Sérgio politiza o produto de suas reflexões: denuncia a falácia de uma “literatura nacional”, tendo em vista que a produção literária na colônia seguia padrões portugueses ou mesmo clássicos da cultura latina europeia; e aponta como a própria estética tem sua estrutura e significados históricos próprios, independentes de outras esferas como a política. Ao abordar a questão, Thiago mostra como, nesse nível dos procedimentos e da eleição dos documentos privilegiados para análise, o autor de *Visão do Paraíso*, ao pluralizar a temporalidade, já se distancia de uma historiografia pautada no tempo político que se vale de atos oficiais para construir a biografia da Nação.

O problema das permanências reaparece sob um prisma eminentemente historiográfico – a questão da periodização – no segundo capítulo “Idade Média, Renascimento e a Escrita da História em Visão do Paraíso”, não por acaso o capítulo de “Urdiduras do vivido” mais centrado na análise do livro em questão. Isso é feito inicialmente pela reconstrução do contexto da defesa da tese de cátedra (sobretudo as arguições de Eduardo de Oliveira França) e dos debates internacionais sobre os limites entre Idade Média e Renascimento com os quais o historiador brasileiro teve contato. Então Thiago trabalha a idéia central de *Visão do Paraíso*, onde “Sérgio Buarque de Holanda preocupou-se em mostrar como a força conservadora sustentada pela permanência de laços mentais e práticas medievais havia estruturado uma sociedade além-mar que reproduzia e adaptava essas mesmas estruturas” (p. 112), defendendo assim uma continuidade na visão de mundo entre o período medieval e renascentista em Portugal. Thiago rastreia e aponta no capítulo que a idéia de mentalidade era, para Sérgio, capaz de integrar os fenômenos individuais e concretos a análises abrangentes, contextuais e interdisciplinares, cumprindo por isso a “função central de mediação de experiências históricas concretas” (p. 159), que o auxiliariam a escapar dos mitos ufanistas presentes na historiografia nacional.

Thiago retoma a questão das permanências ibéricas no Brasil por um terceiro viés – o econômico – analisando as continuidades entre *Raízes do Brasil* e *Elementos Formadores da Sociedade Portuguesa na Época dos Descobrimentos* (o mestrado de Sérgio) e a obra *Visão do Paraíso*, objeto do terceiro capítulo – “Sentidos da Colonização”. Nesses estudos Sérgio indaga, como Caio Prado, sobre o sentido da colonização – aqui também a exploração da terra voltada ao mercado externo – mas Sérgio Buarque explica-o a partir das “permanências mentais medievais no ímpeto explorador dos colonizadores portugueses”, ou seja, “estudando os fundamentos profundos do sentido da colonização” (p. 185).

Tal reflexão é o gancho para a contextualização das preocupações de Sérgio Buarque de Holanda. É ainda nesse capítulo e na conclusão – “O exorcismo da Nação e as Aporias do Presente no Trabalho Historiográfico” – que o sentido da busca por uma história renovada é trabalhado por Thiago. Este autor explicita a finalidade das urdiduras de *Visão do Paraíso* anteriormente analisadas recorrendo a um contexto das ciências sociais no mundo e no Brasil dos anos 50, aproximando Caio Prado Júnior com Sérgio Buarque de Holanda. Para Sérgio Buarque, a história seria uma forma de “exorcizar” as permanências do passado no presente, de forma que a indagação sobre Portugal na época dos descobrimentos é, no fundo, uma indagação sobre o Brasil do seu tempo. Thiago ressalta que, para Sérgio, a validade explicativa de tal estudo repousa no fato de que a linha compreensiva pode ser projetada até o tempo do historiador: pelo fato de toda a história estar enraizada no presente, o olhar busca no passado os sentidos dessa realidade – que nessa geração era expresso pelo vocábulo “formação” – com vistas a interromper os processos indesejáveis ainda operantes na sociedade e desmistificar a instrumentalização da história pelo Estado Nacional. Sua militância é calcada numa fé no conhecimento e em seu potencial libertador, onde “a produção historiográfica desempenha um papel ativo como agente modificador do presente” (p. 205).

Thiago aponta acertadamente que, para o autor de *Raízes do Brasil*, “o distanciamento histórico com relação à idéia de nação nunca implicou sua própria negação ou renúncia. Ao contrário, a compreensão do processo de constituição da nação brasileira significou uma vontade de interferência em seus rumos” (p. 213). Não é à toa que Sérgio Buarque passou a se dedicar ao século XIX após escrever *Visão do Paraíso*, pois havia compreendido que o mito edênico sobreviveu sob outras formas e tornou-se a base do ufanismo que pauta nas belezas e na grandeza da terra a base da nacionalidade brasileira, assim como o viés conservador que a nacionalização do mito tomou a partir do romantismo.

Assim, se o leigo em história se interessar pelo livro, e conseguir penetrar nas discussões intelectuais especializadas – tarefa que é facilitada pelo estilo agradável da prosa de Thiago e a clareza com que apresenta os debates – talvez seja levado a refletir sobre o que incomodava tanto Sérgio Buarque e sua geração, isto é, como solucionar os problemas da realidade brasileira, que pressupõe outra questão de base: como entender o Brasil. *Urdiduras do Vivido* bem mostra, sobretudo em seus capítulos finais, que a nação (e seus projetos) era o grande problema dos intelectuais nos anos 50. A resposta sobre como entender o Brasil, portanto, não admitia respostas abstratas e

generalizantes, das quais Sérgio queria tanto se livrar, mas respostas que pudessem captar a vida passada no próprio presente, deslindando seu processo de constituição – daí a preocupação epistemológica com a história tão ressaltada nos capítulos iniciais de *Urdidura do Vivido*.

Após a leitura do livro, a grande pergunta que nos ficou foi indicada por uma das poucas vezes que Thiago Nicodemo se colocou explicitamente. Ao se referir aos debates dos anos 50, diz que “é notável que esse horizonte se apresente como muito distante do nosso” (p. 46), a despeito de a obra *Visão do Paraíso* poder ser “pensada como uma urdidura do vivido, e sua validade como projeto, e a autoconsciência de seu lugar no tempo, são mais importantes que nunca”, tendo em vista a permanência dos dilemas produzidos pelo afã da modernização. Tais dilemas se reconfiguraram em nossos dias, sobretudo com o desenvolvimento tecnológico e os processos de reestruturação pautados na informatização dos meios de produção, iniciados a partir dos anos 70, mas que, desde os anos 90, viraram tônica mundial, sem falar na leva de novas tecnologias que invadem o cotidiano de milhares de pessoas, mesmo na periferia dos centros urbanos. Nesse contexto, importa perguntar para onde dirigir nosso esforço de “autoconsciência do lugar no tempo”. Talvez ele envolva não só o diagnóstico e a crítica de amplos processos mundiais, como também o exorcismo da noção de nação, desse grande Eldorado chamado Brasil. No âmbito específico da historiografia, talvez devamos avaliar e indagar os pressupostos e a pertinência dos projetos daqueles que nos precederam. São ambos os esforços que *Urdidura do Vivido* nos ajuda a empreender.